

## O PODER DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO: PARA SUPERAR O PARADOXO DA CIÊNCIA

Rejane Cristina de Araujo Rodrigues<sup>1</sup>

rcarodrigues@puc-rio.br

### Resumo

*Neste artigo analisamos a pertinência da tese do paradoxo da Geografia para o caso brasileiro, utilizando-se para tal a aplicação de questionários a alunos do 3º ano do Ensino Médio de escolas da rede pública e privada do Rio de Janeiro. Os resultados confirmam a tese do paradoxo, indicando o reconhecimento dos jovens estudantes do papel formativo da Geografia escolar, porém incapaz de mobilizar seu potencial formativo a favor da profissionalização na ciência geográfica. Complementarmente, propomos recuperar as teses sobre o poder do conhecimento, em particular sobre o poder da Geografia, como um caminho metodológico para pensarmos a superação do paradoxo da ciência.*

**Palavras-chave:** Paradoxo da Geografia, Educação Geográfica, poder do conhecimento..

### Introdução

De acordo com Herculano Cachinho (2004), a Geografia é marcada por um paradoxo: “a dessincronia entre o potencial teórico da Geografia e o poder formativo da educação geográfica”. Para o autor, a Geografia é reconhecida pelo seu potencial formativo, mas não é capaz de mobilizá-lo a favor de sua afirmação no contexto escolar e na sociedade em geral.

Em nossas investigações, que integram um amplo projeto de pesquisa intitulado Formação Cidadã e Educação Política: princípios para uma Educação Geográfica contemporânea, tomamos como hipótese a existência de tal paradoxo no caso brasileiro. Acreditamos que, dadas determinadas conjunções que marcaram a história da ciência geográfica e do magistério na escola básica no Brasil, pode ter se consolidado um imaginário sobre a profissão de geógrafo e em especial no que se refere à trajetória do professor de Geografia. Compõe este imaginário ideias como a carência de postos de trabalho para o

---

<sup>1</sup> Profa Dra. Da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio



geógrafo, os baixos salários pagos aos profissionais da Geografia e a não valorização das competências do profissional da Geografia, dentre outras.

Tais ideias e outras foram obtidas a partir de questionários aplicados a alunos do 3. ano do Ensino Médio de escolas da rede pública e privada do Rio de Janeiro. Nosso objetivo é verificar a validade do "paradoxo da Geografia" para o caso brasileiro, analisando a percepção destes alunos, no momento de definição de suas trajetórias profissionais, quanto à importância do conhecimento geográfico para a sua formação e o lugar da Geografia nas suas escolhas profissionais.

Como iremos demonstrar, as informações coletadas nos questionários confirmam o paradoxo da Geografia para o caso brasileiro, colocando aos profissionais da Geografia e, também, ao poder público um desafio no sentido do reconhecimento do "poder da Geografia" (Brooks, Brut e Fargher, 2017).

### **O Paradoxo da Geografia**

De acordo com Herculano Cachinho (2000), o ambiente escolar revela uma situação paradoxal para o conhecimento produzido pela Geografia. Para o autor, a Geografia escolar é reconhecida pelo seu potencial formativo, mas não é capaz de mobilizá-lo a favor da sua afirmação no contexto escolar e na sociedade em geral. No espaço escolar, o professor de Geografia do ensino básico se vê, constantemente, diante de alunos que declaram seu interesse e, até mesmo preferência, pela Geografia ensinada nas escolas, pois percebem nestas aulas uma maior aproximação com questões cotidianas. Porém, são poucos os jovens que optam por uma formação universitária nesta área dando preferência à formação em áreas de maior prestígio social e que, supostamente, ofereçam maiores ganhos financeiros.

Acreditamos que a resistência destes jovens a escolhas profissionais no campo da Geografia, bacharel e/ou licenciatura, podem ter relação com imaginários construídos sobre a profissão. Seja pela sua trajetória histórica, seja pelo modo de relação que os geógrafos estabelecem com a sociedade, seja pela sobrevalorização de determinadas profissões e desvalorização de outras no Brasil ou por uma série de outros motivos, a formação em Geografia é concebida como uma alternativa profissional de limitada expressão social que provê baixos salários e não oferece oportunidades de carreira.

Numa tentativa de confirmar este paradoxo para o caso brasileiro e delinear aspectos deste suposto imaginário sobre a profissão do geógrafo coletamos informações, através de um questionário aplicado a alunos do 3º ano do Ensino Médio de escolas da rede pública e privada do Rio de Janeiro, que nos ajudem a, de um lado, entender o que pensam os jovens sobre a geografia escolar e, de outro, como constroem suas representações sobre a profissão.



Para a aplicação do questionário foram selecionadas cinco escolas, buscando-se abarcar um universo amplo de realidades de formação básica: escola da rede pública estadual, escola pública de aplicação, escola pública técnica, escola privada de alta renda e escola privada de baixa renda. A série escolhida, o 3º ano do Ensino Médio, reúne jovens que, por força dos exames de vestibular e ENEM já vivenciaram a geografia escolar em todas as séries e, também, já haviam feito suas escolhas profissionais.

Um total de 348 alunos responderam, nos meses finais de 2018, ao questionário composto por 11 (onze) questões (figura 1), as quais buscaram atender a duas indagações principais: questões de 1 a 5 - O conhecimento geográfico tem seu poder formativo reconhecido pelo aluno do ensino básico? - questões de 6 a 11 - A geografia escolar foi capaz de mobilizar o potencial formativo da ciência a favor do seu reconhecimento social?

A análise das respostas obtidas parece confirmar o interesse dos jovens em idade escolar pelo conhecimento geográfico e o reconhecimento do seu papel formativo, como podemos observar na figura 2. Esta figura reúne as respostas dadas às questões de 1, 2, 3, 4 e 5, para as quais foi utilizada uma escala de valor: muito, mais ou menos, pouco. Como se pode observar, quando se pergunta das preferências individuais – questões 1 e 5 (O quanto você se interessa pelos conteúdos da Geografia? O quanto você gosta do que é ensinado nas aulas de Geografia?), à exceção da escola pública de aplicação, um percentual maior de alunos tende a atribuir um valor médio para a Geografia escolar. Por outro lado, quando é perguntado sobre o papel social da Geografia escolar – questões 2, 3 e 4 (O quanto você avalia que o ensino da Geografia se conecta com as questões que afetam sua vida, direta ou indiretamente? O quanto você avalia que o ensino da Geografia colabora para a sua formação como cidadão? Você acredita que o conhecimento produzido pela ciência geográfica pode ser útil para tornar o mundo menos desigual, mais justo socialmente?) – o maior percentual de respostas se concentra no maior valor atribuído ao conhecimento geográfico.



**14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia**  
**Políticas, Linguagens e Trajetórias**  
Universidade Estadual de Campinas, 29 de junho a 4 de julho de 2019

  **NECEPG**  
Núcleo de Estudos  
em Cidadania e Política

Somos um grupo de pesquisa e estamos realizando um importante levantamento. Gostaríamos de contar com sua colaboração respondendo às perguntas a seguir. Não se preocupe se as respostas estão certas ou erradas, pois nos interessa saber o que você acha.

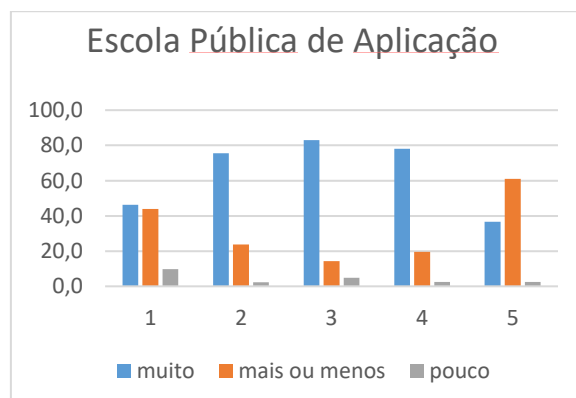
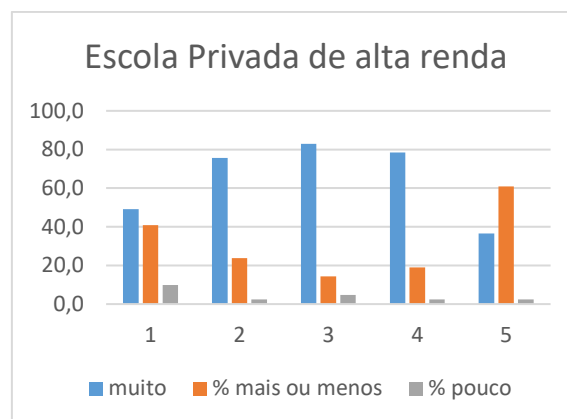
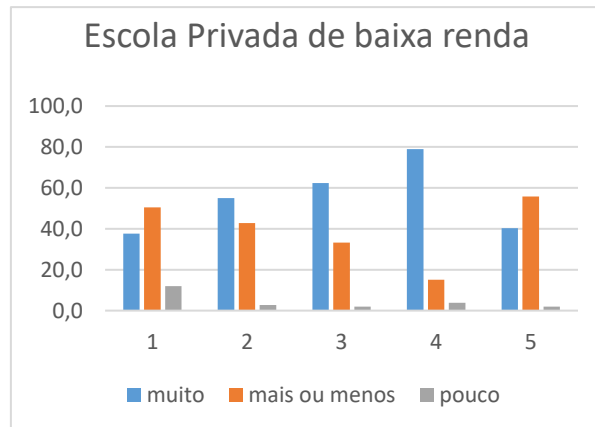
1. O quanto você se interessa pelos conteúdos da Geografia?  
( ) muito                      ( ) mais ou menos                      ( ) pouco
2. O quanto você avalia que o ensino da Geografia se conecta com as questões que afetam sua vida, direta ou indiretamente?  
( ) muito                      ( ) mais ou menos                      ( ) pouco
3. O quanto você avalia que o ensino da Geografia colabora na sua formação como cidadão?  
( ) muito                      ( ) mais ou menos                      ( ) pouco
4. Você acredita que o conhecimento produzido pela ciência geográfica pode ser útil para tornar o mundo menos desigual, mais justo socialmente?  
( ) muito                      ( ) mais ou menos                      ( ) pouco
5. O quanto você gosta do que é ensinado nas aulas de Geografia?  
( ) muito                      ( ) mais ou menos                      ( ) pouco
6. Você pretende prestar o vestibular/ENEM para cursos da área de  
( ) Humanas                      ( ) Biológicas  
( ) Exatas                      ( ) Filosofia
7. Qual ou quais as suas opções no vestibular/ENEM?  
\_\_\_\_\_
8. Você considerou, em algum, momento a possibilidade de fazer uma graduação em Geografia?  
( ) sim  
( ) não  
Por qual ou quais motivo? \_\_\_\_\_
9. Que dificuldades você imagina que uma pessoa formada em Geografia deve enfrentar?  
\_\_\_\_\_
10. Você acha que sua família reagiria mal se você optasse por se tornar um Geógrafo?  
( ) sim  
( ) não  
Por qual ou quais motivo? \_\_\_\_\_
11. Em qual(is) deste(s) setor(es) você acredita que um geógrafo atua?  
( ) como professor na escola básica  
( ) como professor na Universidade  
( ) em empresas de gestão ambiental  
( ) em áreas de proteção à fauna e/ou flora  
( ) em órgãos do planejamento urbano e regional  
( ) em atividades ligadas à cartografia e geoprocessamento  
Outro: \_\_\_\_\_

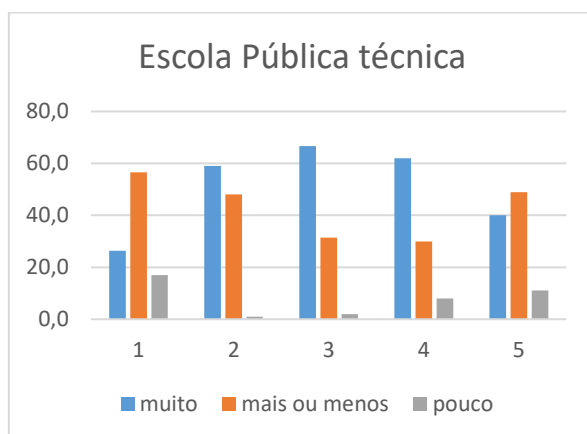
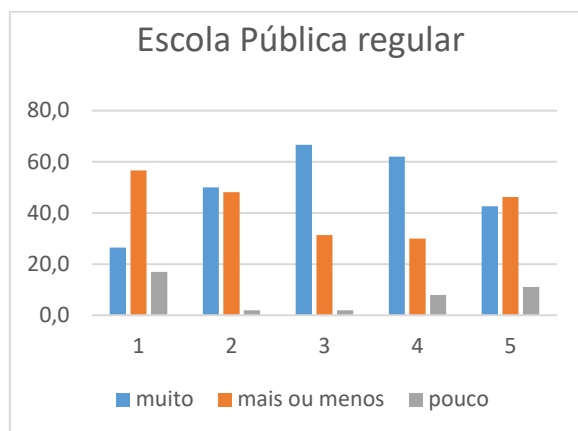
**Figura 1:** questionário aplicado a alunos do 3º ano do Ensino Médio de escolas das redes pública e privada do Rio de Janeiro.

Fonte: elaboração própria

Em todas as escolas pesquisadas, poucos alunos demonstraram desapego ou desinteresse total pelo conhecimento geográfico. Um percentual representativo do total de respostas indica a percepção da geografia escolar em seu papel na formação cidadã e na transformação social. Tais respostas são indicativas do reconhecimento do potencial formativo

da Geografia, ou seja, mesmo quando a Geografia não é a disciplina de preferência do aluno, seu papel formativo não deixa de ser reconhecido.





**Figura 2:** O papel formativo da Geografia na percepção de alunos do 3º EM de escolas selecionadas.

Fonte: elaboração própria

Como explicado anteriormente, a segunda parte do questionário foi organizada no sentido de avaliar as escolhas profissionais destes jovens, tendo sido observado que, apesar da formação na área de humanas não ser desprezível (figura 3), é dado pequeno destaque à formação profissional na Geografia (figura 4). Os resultados apresentados com relação à questão 7 - Qual ou quais as suas opções no vestibular/ENEM? – integram 3 (três) opções de carreira indicadas pelo aluno.

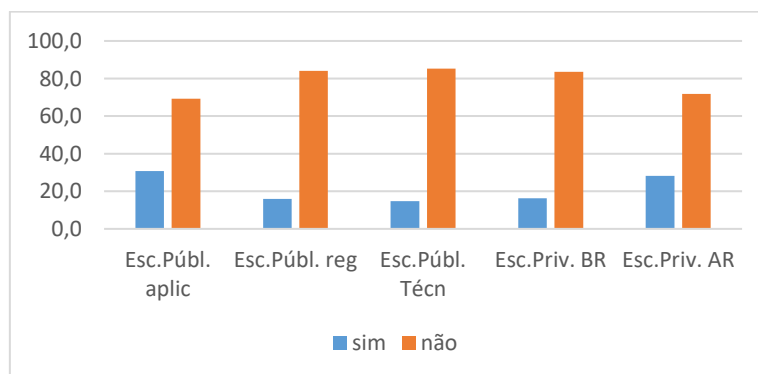
<b>Graduação escolhida por área da ciência - %</b>	<b>humanas</b>	<b>exatas</b>	<b>biológicas</b>	<b>filosofia</b>
Esc.Públ. apl.	39,5	23,3	34,9	2,3
Esc.Públ. reg.	43,4	48,8	15,1	1,9
Esc.Públ. téc.	31,2	55,3	13,3	0,6
Esc.Priv. BR	38,1	69,8	32,7	2,7
Esc.Priv. AR	33,3	35,2	28,2	2,2

**Figura 3:** Inscrições no vestibular/ENEM por áreas de concentração  
 Fonte: elaboração própria

<b>Graduação escolhida por curso - %</b>	<b>Geografia</b>	<b>Outras disciplinas</b>
Esc.Públ. aplic	6,1	93,9
Esc.Públ. reg.	4,6	95,4
Esc.Públ. téc.	2,8	97,2
Esc.Priv. BR	3,4	96,6
Esc.Priv. AR	5,7	94,3

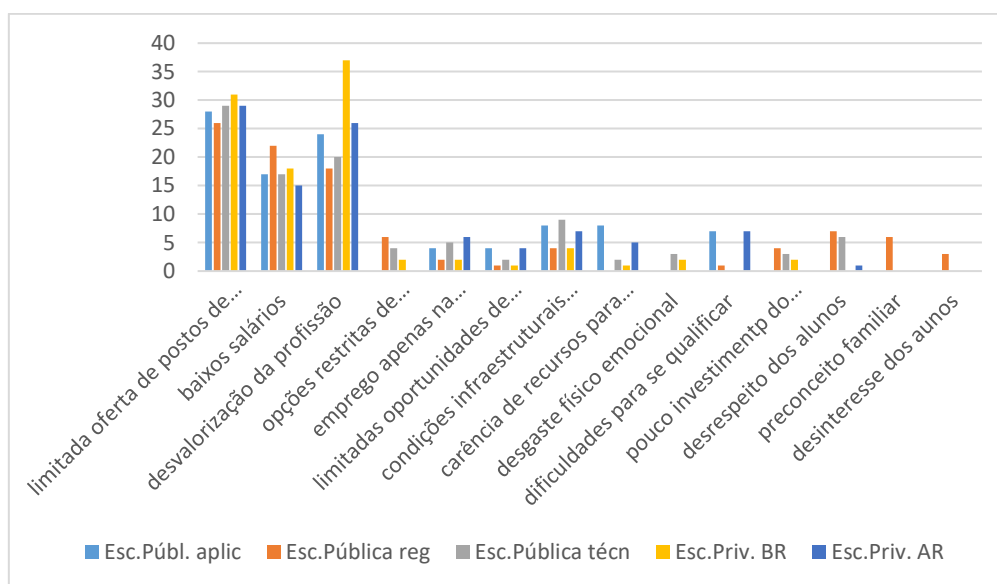
**Figura 4:** Opções no vestibular/ENEM por curso de graduação  
 Fonte: elaboração própria

Apesar destes resultados, deve-se destacar nossa surpresa com o número não desprezível de alunos, superior ao esperado, que indicou a opção pela Geografia (figura 5), informações reunidas a partir da pergunta 8 - Você considerou em algum momento a possibilidade de fazer graduação em Geografia?. A análise das justificativas destes alunos, apresentada noutro artigo (RODRIGUES, 2018), aponta para escolhas baseadas na influência de professores, no desejo de ser professor e, também, no interesse pelo conhecimento geográfico.



**Figura 5:** A Geografia como opção profissional  
 Fonte: elaboração própria

As três últimas perguntas do questionário, completam esta segunda parte, buscando reunir informações sobre as motivações para as escolhas dos alunos, ou melhor, o imaginário sobre a profissão de geógrafo no Brasil. No que se refere aos enfrentamentos deste profissional, os alunos indicaram várias dificuldades (figura 6), concentrando suas respostas em aspectos como: desvalorização social da profissão; oferta limitada de postos de trabalho; baixos rendimentos auferidos pelo profissional.



**Figura 6:** Desafios enfrentados pelo profissional de Geografia  
 Fonte: elaboração própria

Tal imaginário parece reproduzir o imaginário social em geral, sobretudo aquele das famílias dos alunos, como se pode observar pelas respostas à questão 10 – Como sua família reagiria se você optasse pela Geografia? Por qual ou quais motivos? Apesar dos alunos indicarem, em sua maioria, o apoio familiar às suas escolhas profissionais, em um número expressivo dos questionários a resistência à profissionalização na área repete às representações quanto às escolhas pessoais de cada aluno (figura 7).

<b>Reação da família à opção pela Geografia - %</b>	<b>positiva</b>	<b>negativa</b>
Esc. Públ. aplic	62	38
Esc. Públ. reg.	56	44
Esc. Públ. técn.	45	55
Esc. Priv. BR	43	57
Esc. Priv. AR	66	34

**Figura 7:** Resistência familiar à profissionalização na Geografia



Fonte: elaboração própria

Outro aspecto relevante observado a partir da análise das respostas dos alunos, diz respeito ao limitado conhecimento das possibilidades de atuação profissional da Geografia (figura 8), aspecto que podemos relacionar, de um lado, à pouca visibilidade dos espaços de atuação do geógrafo e, de outro, à concentração da oferta de postos de trabalho no magistério.

<b>Em quais destes setores você acredita que o geógrafo atua?</b> (todas as escolas)	%
professor da escola básica	17,0
professor da Universidade	18,1
empresas de gestão ambiental	14,5
áreas de proteção à fauna e flora	13,3
órgãos de planejamento urbano e regional	18,6
atividades ligadas à cartografia e geoprocessamento	18,0
outros	0,4

**Figura 8:** Setores possíveis da atuação do geógrafo.

Fonte: elaboração própria

As informações reunidas a partir destes questionários parecem confirmar o paradoxo indicado por Herculano Cachinho quanto aos limites do poder formativo da Geografia, colocando algumas questões para a análise: Se as escolhas de alguns destes jovens têm relação com o desprestígio social da Geografia, condição que não nasceu com a ciência, que limites se colocam à transposição da visão crítica de mundo, construída, em parte, nas aulas de Geografia, à promoção das vidas pessoais e da vida social destes jovens? Trata-se de uma questão de seleção de conteúdos? De opções metodológicas? De desconexão entre teoria e prática?

Em primeira instância concordamos com o proposto pelo autor quanto aos desafios colocados à ciência geográfica, à geografia escolar e a seus profissionais.

“a dessincronia entre o potencial teórico da geografia e o poder formativo da educação geográfica”, colocando-se a “necessidade de reinventar o ensino da geografia pela via da concepção de experiências de aprendizagem inovadoras, ao nível dos conteúdos, dos métodos e dos espaços de ensino, capazes de fazerem dos alunos mais autores e actores da sua própria aprendizagem.” (CACHINHO, 2004 b: 16)

Contudo, desejamos, neste artigo, lançar luz sobre o poder do conhecimento geográfico como um caminho para a valorização, em âmbito geral, do conhecimento, acadêmico e escolar, produzido pela Geografia.



## O Poder (Formativo) do Conhecimento Geográfico

Confirmada, ainda que nos limites das escolas selecionadas, a hipótese do paradoxo da Geografia, buscaremos nesta parte do artigo reunir algumas reflexões quanto às possibilidades interpretativas para o problema no caso brasileiro, partindo-se de uma questão central: Por que motivos a Geografia não é capaz de mobilizar seu potencial formativo a favor de sua afirmação no contexto escolar e na sociedade em geral? Podemos elencar um conjunto de possibilidades: inadequação dos currículos da graduação em Geografia com relação às urgências sociais; ênfase na formação teórica do geógrafo em detrimento do desenvolvimento de habilidades e competências demandadas pela sociedade atual; opções metodológicas do professor de Geografia no ensino superior e básico; perfil da Geografia brasileira; desvalorização da profissão docente, dentre outros.

Algumas destas possibilidades foram destacadas em um estudo de Herculano Cachinho (2004) com relação ao que o autor denomina de impotência formativa da educação geográfica em Portugal: ênfase dada pelos programas escolares aos conteúdos, ao invés dos problemas, apresentados de forma compartimentada; preferência dos professores, sujeito da transmissão do conhecimento, pela descrição de fenômenos naturais e sociais, ao invés do questionamento destas realidades por alunos reflexivos e autônomos; limites burocráticos à realização de trabalhos de campo que estimulem o olhar investigativo; carência de infraestrutura para o uso adequado das tecnologias da informação; ditadura dos exames de avaliação internos e externos, relegando ao segundo plano a construção de conhecimentos centrada no aluno.

Outros problemas são, também, assinalados por Nóvoa (1992), como a tendência à priorizar a elaboração dos currículos e dos programas em detrimento da sua concretização pedagógica, a desvalorização do trabalho docente e as tensões inerentes a sua profissão (multiplicidade de tarefas com sobrecarga de trabalho).

Apesar da importância destas considerações, não é nosso objetivo, no âmbito deste artigo, aprofundar a discussão sobre as origens do problema, mas de lançar luz sobre a perspectiva teórica do poder do conhecimento, amplamente debatida na Inglaterra, nos EUA e noutros espaços acadêmicos mundiais, como referencial para refletirmos sobre o papel formativo da Geografia escolar no Brasil.

Para Young (2008), o conhecimento “poderoso” está relacionado a questões atuais e futuras, podendo prover poderosos modos de pensamento sobre elas. Young (2008) defende que as escolas devem trazer de volta o conhecimento, recolocando-o no coração do processo de formação da criança e do jovem. Além disso, deve-se priorizar o papel essencial dos professores como especialistas do seu objeto.

Especificamente quanto ao conhecimento geográfico, de acordo com Brooks, Brut e Fargher (2017), para que este seja “poderoso” deve-se considerar: a natureza da política e da prática educacional; as condições da Geografia como campo disciplinar; os debates sobre o conhecimento disciplinar. Assim considerado, pode-se justificar a permanência da Geografia nos currículos escolares do século 21. Para os autores, o aprendizado tradicional de “cabos e baias” pouco contribuiu para consolidar o conhecimento geográfico como um conhecimento poderoso. Distintamente de quando o foco é deslocado para problemas/temas do cotidiano.

Capacitar os estudantes a “pensar geograficamente” é importante, especialmente se podemos identificar e justificar como este pensamento é poderoso em ajudá-los a compreender o mundo de diferentes formas, particularmente porque o poder das grandes ideias da Geografia podem transformar o modo como os jovens percebem o mundo (Roberts, 2014). O conhecimento geográfico poderoso, se relacionado a várias correntes e objetos de análise, pode prover muitos caminhos para se refletir sobre os problemas do real.

Coloca-se, pois, aos geógrafos o desafio de pensar sobre as competências oportunizadas pela Geografia, um primeiro passo no sentido da superação do imaginário de desvalorização do conhecimento produzido pela ciência geográfica. Algumas pistas podem ser encontradas no trabalho organizado, em 2000, pela *Geographical Association* (apud Cachinho, 2004) segundo o qual a Geografia:

- garante o conhecimento da localização e a compressão das relações espaciais – como é que os lugares encontram ligados;
- permite construir o conhecimento e a compreensão dos acontecimentos, em diferentes escalas geográficas;
- explica os padrões e os processos geográficos e aborda a complexidade dos ambientes físico e humano;



- permite a tomada de decisão bem informada sobre o ambiente e favorece a compreensão do desenvolvimento sustentável;
- estabelece relações entre os sistemas naturais, econômicos, sociais, políticos e tecnológicos;
- desenvolve a competência da leitura visual – interpretação de mapas, diagramas, fotografia aérea e imagem satélite;
- dá oportunidade, através do trabalho de campo, de realizar investigações em primeira mão sobre os lugares, o ambiente e o comportamento humano;
- estimula o interesse e a admiração pelo mundo – alimenta nos jovens o desejo da exploração e permite que estes viagem com confiança;
- permite que os jovens se tornem cidadãos ativos globais;
- ajuda os alunos a compreender que existe mais do que uma via para enfrentar um problema específico da vida real.

Estas são algumas indicações das possibilidades interpretativas para o problema do paradoxo da Geografia no Brasil e para o desafio colocado à Geografia brasileira a qual deve refletir sobre os caminhos para recolocar a educação geográfica, considerado o seu poder (formativo), em lugar de destaque na formação de cidadãos críticos, ativos e participativos.

### **Considerações Finais**

Neste estudo, apresentamos algumas reflexões sobre o imaginário construído sobre a profissão de geógrafo, observando-se o distanciamento entre o poder formativo da Geografia e capacidade da ciência de mobilizá-lo a favor de sua afirmação no contexto escolar e na sociedade em geral.

Consideradas as questões expostas a partir da análise do paradoxo da Geografia para o caso brasileiro, buscamos nos debates sobre o poder da Geografia um caminho teórico-metodológico que nos auxilie a lançar luz sobre o potencial formativo desta ciência.

O cenário mundial de retrocessos e incertezas, com efeitos sobre o lugar da Geografia nos currículos escolares, impõe aos geógrafos a reflexão sobre os caminhos da ciência, especialmente em sua conexão com a sociedade e, particularmente, com a formação escolar.

## Referências Bibliográficas

- BROOKS, Clare, BRUTT, Graham & FARGHER, Mary (edit) **The Power of Geographical Thinking**. Springer/IGU: London, 2017.
- CACHINHO, Herculano, A.P. Criar Asas: do sentido da geografia escolar na pós-modernidade. **Actas do V Congresso da Geografia Portuguesa**. Portugal: Territórios e Protagonistas, Guimarães, 2004a.
- CACHINHO, H. Exciting Geography: what is it and how can it be developed in secondary schools? In **International HERODOT Conference hosted by Thematic Pillar 3**, University of Cyprus, Nicosia, 21-23, May 2004b.
- CACHINHO, H. Geografia Escolar: orientação teórica e praxis didáctica, **Inforgeo**, nº. 15, pp. 69-90, 2000.
- NÓVOA, Antonio. Formação de Professores e Profissão Docente. In: NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Don Quixote, 1992. p. 13-33.
- ROBERTS, M. Powerful Knowledge and Geographical Education. **The Curriculum Journal**. n.25, pp.187-209, 2014.
- RODRIGUES, R.C.A. O Papel Formativo da Geografia no Brasil. **Anais do XVII Encontro de Geógrafos da América Latina**. Quito:PUCE, 2018. no prelo.
- YOUNG, M. From constructivism to realism in sociology of curriculum. **Review of Research in Education**. n.32, pp.1-32, 2008.

## Considerações finais

Se você seguir esse modelo de arquivo, seu texto está praticamente pronto para o diagramador, que em nosso caso somos nós mesmos e isso possibilitará maior rapidez na publicação dos anais.

Em todas as escolas pesquisadas, poucos alunos demonstraram despreço ou desinteresse total pelo conhecimento geográfico. Um percentual representativo do total de respostas indica a percepção da geografia escolar em seu papel na formação cidadã e na transformação social. Tais respostas são indicativas do reconhecimento do potencial formativo



da Geografia, ou seja, mesmo quando a Geografia não é a disciplina de preferência do aluno, seu papel formativo não deixa de ser reconhecido.

### Referências bibliográficas

**Lembre-se: coloque apenas as referências que de fato foram citadas no texto.**

Alguns exemplos de referências bibliográficas

#### *a) Livros (um autor)*

SOARES, Maria Lucia de Amorim. **Girassóis ou Heliantos: maneiras criadoras para o conhecer geográfico.** Sorocaba: Prefeitura Municipal de Sorocaba, 2001.

#### *b) Livros (dois a três autores)*

GUIMARÃES, Márcia Noêmia; FALLEIROS, Ialê. **Os diferentes Tempos e Espaços do Homem: atividades de geografia e de história para o Ensino Fundamental.** São Paulo: Cortez, 2005.

PONTUSCHKA, Nídia; PAGANELLI, Tomoko Yida; CACETE, Núria Hanglei. **Para Ensinar e Aprender Geografia.** São Paulo: Cortez, 2007.

#### *c) Livros (mais de três autores)*

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; SCHÄFFER, Neiva Otero, [et al]. (orgs.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões.** Porto Alegre: UFRGS Editora e AGB-Seção Porto Alegre, 2003.

#### *d) Livros (demais informações, quando necessárias)*

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional.** Trad. Francisco Pereira. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. 325p.

#### *e) Capítulo de livro*

HESPANHOL, Antonio Nivaldo. A avaliação oficial de livros didáticos de geografia no Brasil: o PNLD de 2005. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (org.). **Livros didáticos de História e Geografia: avaliação e pesquisa.** São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2006. p. 73-85.

#### *f) Capítulo de livro do mesmo autor*

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. A avaliação de livros didáticos no Brasil – por quê? In: \_\_\_\_\_. **Livros didáticos de História e Geografia: avaliação e pesquisa.** São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2006. p. 15-25.

*g) Artigos de periódicos*

SILVA, Valdenildo Pedro da. O raciocínio espacial na era das tecnologias informacionais. **Terra Livre**, Presidente Prudente, ano 23, v.1, n. 28, p. 67-90, jan./jun., 2007.

*h) Artigo de periódico (formato eletrônico)*

OLIVEIRA, Adriano Rodrigo. Geografia e Cartografia escolar: o que sabem e como ensinam professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental? **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.34, n.3, p. 481-494, set./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.com.br>>. Acesso em: 22 abril 2002.

*i) Trabalho publicado em Anais de Eventos*

SOARES, Wilson José; PEZZATO, João Pedro. Entendendo o passado do ensino de geografia na rede pública de Mato Grosso através da história de vida dos professores aposentados: uma alternativa para pensar o futuro. In: Simpósio de Pós Graduação em Geografia da Unesp Rio Claro. 9. 2009, Rio Claro. **Anais...** Rio Claro, 2009. p. 1842-1852. Disponível em <<http://sites.google.com/site/seminarioposgeo/anais>> Acesso em: 10 abril 2010

Observação: Nos capítulos de livros, artigos de periódicos impressos e eletrônicos e trabalhos publicados em anais de eventos, quando a autoria tiver mais de 3 autores deve-se seguir a mesma regra para Livro com mais de três autores, empregando [et al]

*j) Teses*

PIRES, Lucineide Mendes. **A prática pedagógica do professor de geografia do ensino fundamental**. 2009. 154f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

*k) Livro em formato eletrônico*

SÃO PAULO (Estado). **Entendendo o meio ambiente**. São Paulo, 1999. v. 1. Disponível em: <<http://www.bdt.org.br/sma/entendendo/atual/htm>>. Acesso em: 8 mar. 1999.

*l) Artigo assinado (jornal)*

DIMENSTEIN, G. Escola da vida. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 14 jul. 2002. Folha Campinas, p. 2.

*j) Artigo não-assinado (jornal)*

FUNGOS e chuva ameaçam livros históricos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 5 jul. 2002. Cotidiano, p. 6.